

revista

Geo   
USP  
espaço e tempo

Volume 20 • nº 1 (2016)

ISSN 2179-0892

## Editorial

O que fazia um leitor, uma leitora, ao tomar nas mãos um periódico especializado? Passeava os olhos pelo índice, que podia ser lido ainda na contracapa, para depois mergulhar nas páginas e folheá-las, escolhendo palavras e seções que mais lhe interessavam. Os interesses desses transeuntes que folheavam com dedos, às vezes molhados na língua, por entre muitas ideias, autores(as), imagens, teorias, métodos e citações no rodapé, metamorfosearam-se agora num mundo letrado de pouco papel, muitas revistas virtuais, diversas investigações aplicadas e quase nenhum incentivo à leitura desinteressada.

O fato é que não sabemos bem o perfil de todas as leitoras, todos os leitores, que este número da revista Geosp encontrará, mas temos a compreensão de que provavelmente muitos, muitas, acessem os artigos pelo título ou por autores, por temas, no pouco tempo que sempre nos resta e sem poder olhar o que não caberia de imediato em suas investigações. Cada vez mais lemos para citar, provar, propor, ratificar, e quase nunca para recitar, prostrar, sonhar, divagar... Vivemos o tempo das leituras a retalho.

Claro, estamos a falar de trabalho “produtivo”, já que se trata de um periódico especializado, e não de um romance, poema, parlenda, conto, prosa ou literatice considerada água que não move o monjolo da produtividade científica. E ademais, tratando-se este texto de um editorial, imaginamos que é também dessas coisas hoje aconselhadas para não ser lidas ou, quando muito, devem servir para qualificar uma linha editorial e a excelência daquilo que está a ser publicado, respondendo formalmente às exigências das agências de fomento e dos órgãos de avaliação.

Bom, mas indo ao que interessa, o que afinal está sendo publicado neste número da revista Geosp? Aquilo que é a marca da diversidade do que concebemos como geografia(s) e que aparece como este labirinto eclético em que estão radicadas as inúmeras tradições, as muitas opções de método e a ideia de que essa disciplina científica pode tocar o mapa-múndi das epistemologias para falar de qualquer lugar. O problema da diversidade é que ela iguala, como identidade, as diferenças, e não permite antever certas ipseidades fundamentais, tornando

as qualidades indiferenciadas, equivalentes, abstratas. Por isso, quiçá, os nossos leitores e leitoras desejadas são aquelas capazes de tomar pela crítica aquilo que leem, naquele sentido de que a obra é feita por quem a lê e, por isso mesmo, reescrita a cada nova leitura crítica.

O passeio que se pode fazer aqui, ao longo de doze artigos recentes e um texto clássico, é tomado pela predominância da temática urbana sobre as demais, já que metade dos escritos trata de aspectos que vão do planejamento urbano na pauliceia arqueada pelo capital, em suas inextrincáveis relações incestuosas entre mercado e Estado, passando por grandes eventos, como as Olimpíadas, na produção das cidades espetacularizadas como o Rio de Janeiro para, adentrando a rede urbana de cidades amazônicas, buscar compreender a possível existência de cidades híbridas nos processos de metropolização. Saltando daí para analisar a mesma Amazônia que aparece na memória radiofônica de ouvintes ribeirinhos sobre as coisas da cidade e os ritmos da cotidianidade, bem como para tratar, a partir de narrativas biográficas, dos “pertencimentos e laços sociais” estabelecidos pelos imigrantes na cidade de Macaé-RJ. E, claro, é possível viajar entre escritos sobre o clima urbano e o uso do solo em São Paulo, para ir à França entender os circuitos do rap indé em Paris a partir da teoria dos circuitos da economia urbana e, por fim, mergulhar em denso artigo teórico sobre a análise das “áreas sociais” a partir de uma leitura crítica e diversas perspectivas atuais acerca da abordagem dos estudos urbanos do terceiro quartil do século XX, que conformaram a conhecida Escola de Chicago e os Estudos de Ecologia Humana.

A trajetória deste número da Geosp nos leva ainda a refletir sobre questões de gênero que, a partir do discurso pós-colonial, analisa a exotização do corpo feminino e latino para tratar a vulnerabilidade e as estratégias de sobrevivência de mulheres brasileiras profissionais do sexo na Espanha.

Pode o leitor, a leitora, encontrarem-se ainda com reflexões sobre os diversos conflitos entre diferentes atores quando se trata de delimitar, monitorar, fiscalizar e gerir áreas de unidades de conservação que se sobrepõem, sob aspectos múltiplos: jurídico, natural, econômico ou social, como o excelente estudo de caso sobre os conflitos ambientais na APA de Cairuçu, em Paraty, no Rio de Janeiro.

revista

Geo   
USP

espaço e tempo

Volume 20 • nº 1 (2016)

ISSN 2179-0892

Já quase ao fim desse passeio em revista, temos uma reflexão sobre como a docência no ensino superior em geografia encontra “professores sem formação específica para a docência”, aprendendo a ser professores na prática, nomeadamente a partir de suas experiências e da relação com colegas de profissão, que acabam por não superar certas deficiências pedagógicas que deveriam aliar sólido conhecimento do campo da geografia a uma formação voltada para execerem com capacidade e competência a profissão docente.

Por fim, mas não menos importante, temos um artigo teórico que discute conceitos e aplicações da modelagem em geografia física, demonstrando, com isso, a diversidade de abordagens possíveis ao que nomeamos geografia e seu diálogo com disciplinas como a matemática.

Jean Dresch, por sua vez, nos aparece para dizer, ao final do percurso dessas elaborações distintas e diversas, em “Reflexões sobre a geografia”, já em seu primeiro parágrafo, que “a geografia é uma ciência – pouco importa para o momento o sentido que se atribua ao termo – a um tempo bastante antiga e muito recente”.

Bom, a partir de Jean Dresch, é possível dizer que todos os nomes que aparecem neste número de uma revista subintitulada Espaço e Tempo, desde geógrafos de largo esteio intelectual como Roberto Lobato Corrêa, referenciado aqui por vários dos seus pares-autores, até aqueles mais jovens como Fernanda Pinheiro Silva, que discorreu brilhantemente sobre as contradições capitalistas expressas na produção do espaço urbano, partilham já de uma longa tradição eclética que permite nomear tudo o que os geógrafos queiram pensar e publicar como sendo geografia.

Aqui, nas contradições ululantes que revelam tão bom conjunto de reflexões, todas elas resultado de investigações e pesquisas, fica continente o que parece ser o papel de um bom periódico: permitir que qualquer vaso de páginas, sejam elas eletrônicas ou não, possam expressar diferentes modos de dizer, para enfim sabermos, como leitores críticos, as opções de método que devemos fazer para as nossas vidas.

Ao fim e ao cabo, consideramos que revistas, livros, periódicos científicos, folhetins e poemas são feitos pelo que deles fazem as leitoras e os leitores. Façam deste número da Geosp a melhor leitura crítica que puderem.

Manoel Fernandes

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 20 • nº 1 (2016)

ISSN 2179-0892